

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**RÁDIO, TV E INTERNET**

**Bernardo Perantoni Sousa**  
**Gabriel Ribeiro Telles Ferreira**  
**Larissa Tavares de Figueiredo**

**DO MORRO PRO MUNDO:**  
o audiovisual na representação de artistas da periferia

**Juiz de Fora**  
**Setembro de 2022**

**Bernardo Perantoni Sousa**  
**Gabriel Ribeiro Telles Ferreira**  
**Larissa Tavares de Figueiredo**

**DO MORRO PRO MUNDO:**

o audiovisual na representação de artistas da periferia

Memorial do produto apresentado à  
Universidade Federal de Juiz de Fora como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Rádio, TV e Internet

Orientador: Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues

**Juiz de Fora**  
**Setembro de 2022**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira; Figueiredo; Sousa, Gabriel Ribeiro Telles; Larissa Tavares de; Bernardo Perantoni;.

DO MORRO PRO MUNDO : o audiovisual na representação de artistas da periferia / Gabriel Ribeiro Telles; Larissa Tavares de; Bernardo Perantoni; Ferreira; Figueiredo; Sousa. -- 2022.

54 p. : il.

Orientador: Cristiano José Rodrigues  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2022.

1. Rap. 2. Videoclipe. 3. Documentário. 4. Periferia. 5. Representatividade. I. Rodrigues, Cristiano José, orient. II. Título.

Bernardo Perantoni Sousa  
Gabriel Ribeiro Telles Ferreira  
Larissa Tavares de Figueiredo

DO MORRO PRO MUNDO:  
o audiovisual na representação de artistas da periferia

Memorial do produto apresentado à  
Universidade Federal de Juiz de Fora como  
requisito parcial para obtenção do título de  
bacharel em Rádio, TV e Internet

Orientador: Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues

Aprovado(a) pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Cristiano José Rodrigues (UFJF) - Orientador

---

Prof. Dr. Nilson Assunção Alvarenga (UFJF) - Convidado

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Theresa Christina Barbosa de Medeiros (UFJF) - Convidada

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares, amigos e companheiros que nos deram todo o apoio para este sonho acontecer, além de nos guiar e dar forças para que pudéssemos chegar até aqui. Todos os conselhos e "puxões de orelhas" serviram de combustível para guiar nossas trajetórias pela formação acadêmica.

A Deus, por ter iluminado nossos caminhos através de todas as adversidades que o projeto demandou.

A todos os professores que nos acompanharam durante a graduação, por ter fornecido ensinamentos teóricos e práticos da área do audiovisual, e também, da vida. Obrigado por todo conhecimento, paciência e humanidade.

A equipe que desempenhou com muito carinho e esforço suas funções e possibilitou que esse projeto se concretizasse.

Aos servidores da Faculdade de Comunicação da UFJF, principalmente Sandro, Monique e Gilmar, e ao professor Nilson Alvarenga, por ter concedido, com toda a boa vontade, os equipamentos necessários para a realização de nossa experimentação prática.

Um agradecimento especial à vinda da Aurora, que nos deu força o suficiente para que desistir nunca se tornasse uma opção.

Gratidão a todos vocês.

Desde o início até o fim da vida / Traga a memória  
que dá esperança / Levanta, anda, viva / Tocando  
corações agradeço batidas / Tá difícil? Calma  
respira / Corra encontra o que inspira / Me  
escalaram pro time / Me botaram em campo / Ao  
invés de treinamento / Eles disseram se vira”

(L7NNON - Mato no peito)

## RESUMO

Este é o memorial descritivo do projeto experimental “Do morro pro mundo: o audiovisual na representação de artistas da periferia”, o qual tem como objetivo experimentar o formato do videoclipe e documental, do gênero *rap*, desde a idealização, criação musical até a finalização dos produtos, incorporando todo o processo audiovisual de pré-produção, produção e pós-produção. O projeto, produzido pelo curso de Rádio, Tv e Internet, da Universidade Federal de Juiz de Fora, visa buscar as possibilidades que o *rap* e sua representação visual, através de clipes e documentários, proporcionam para o artista e as pessoas envolvidas em um contexto periférico. A ascensão social apresentada nas telas é o foco do experimento. Entender como e o porquê afeta quem assiste, fez parte do processo de concepção dos produtos. Para isso, o projeto é elaborado a partir de múltiplas performances vistas em produtos do gênero musical, e sua caracterização para, então, sua criação. Ou seja, foi necessário entender o caminho da criação musical e o contexto que o artista estava inserido, para possibilitar produtos que transmitissem essa mensagem.

**Palavras-chave:** *Rap*; Videoclipe; Documentário; Periferia; Representatividade.

## ABSTRACT

This is the descriptive memorial of the experimental project "Do morro pro mundo: the audiovisual in the representation of artists from the periphery", which aims to experiment the format of the video clip and documentary, of the rap genre, from the idealization, musical creation to the finalization of the products, incorporating the entire audiovisual process of pre-production, production and post-production. The project, produced by the Radio, TV and Internet course at the Federal University of Juiz de Fora, aims to seek the possibilities that rap and its visual representation, through clips and documentaries, provide for the artist and the people involved in a peripheral context. The social ascension presented on screen is the focus of the experiment. Understanding how and why it affects those who watch it, was part of the product conception process. So that, the project is elaborated from multiple performances seen in products of the musical genre, its characterization to, then, its creation. It means, it was necessary to understand the path of musical creation and the context that the artist was inserted, to enable products that convey this message.

**Keywords:** Rap; Video clip; Documentary; Periphery; Representation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – <i>Playlist</i> de referências visuais criada no YouTube .....	24
Imagem 2 – Perfil de HBe no Instagram .....	25
Imagem 3 – Primeira reunião online com HBe e equipe .....	26
Imagem 4 – Apresentação feita para a reunião .....	26
Imagem 5 – Reunião presencial com HBe e equipe .....	27
Imagem 6 – Desenvolvimento da música .....	29
Imagem 7 – Entrevista com HBe .....	32
Imagem 8 – Equipe presente na entrevista .....	33
Imagem 9 – Apresentação do conceito do videoclipe .....	35
Imagem 10 – Perfil de Henrique no Instagram .....	38
Imagem 11 – <i>Moodboard</i> com referências visuais .....	38
Imagem 12 – Locação – Casa de Matheus Duarte .....	39
Imagem 13 – Locação – Laje de Dona Jussara .....	40
Imagem 14 – Figurinos utilizado na primeira diária .....	42
Imagem 15 – Figurinos utilizado na primeira diária .....	42
Imagem 16 – Equipe responsável pelo videoclipe .....	42
Imagem 17 – <i>Making off</i> da segunda diária .....	44
Imagem 18 – Ajustes de câmera para a cena da laje .....	45

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Equipe de produção .....	30
-------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 O AUDIOVISUAL E A REPRESENTATIVIDADE</b> .....	<b>12</b>
2.1 A ASCENSÃO DO RAP .....	12
2.2 A EXPERIMENTAÇÃO DO VIDEOCLÍPE .....	14
2.3 O DOCUMENTÁRIO .....	16
<b>3 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO</b> .....	<b>19</b>
3.1 MOTIVAÇÃO PESSOAL .....	19
<b>3.1.1 Gabriel Telles</b> .....	<b>19</b>
<b>3.1.2 Larissa Tavares</b> .....	<b>20</b>
<b>3.1.3 Bernardo Perantoni</b> .....	<b>21</b>
3.2 PESQUISAS .....	23
3.3 A BUSCA PELO ARTISTA .....	24
3.4 CONTATO .....	25
<b>4 SAINDO DO PAPEL</b> .....	<b>27</b>
4.1 NOVOS DIRECIONAMENTOS .....	27
4.2 DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA .....	27
4.3 PLANEJAMENTO .....	28
<b>5 DOCUMENTÁRIO</b> .....	<b>30</b>
5.1 CONCEITO .....	30
5.2 A ENTREVISTA .....	30
<b>5.2.1 Da infância ao sucesso</b> .....	<b>32</b>
<b>5.2.2 Destaques</b> .....	<b>33</b>
5.3 IMAGENS EXTRAS .....	33
5.4 CONFIANÇA .....	35
<b>6 VIDEOCLÍPE</b> .....	<b>36</b>
6.1 CONCEITO .....	36
6.2 PRODUÇÃO .....	36
6.3 EQUIPAMENTOS .....	39
6.4 GRAVAÇÕES .....	40
<b>6.4.1 Dia 1</b> .....	<b>40</b>
<b>6.4.2 Dia 2</b> .....	<b>42</b>
<b>7 FINALIZAÇÃO</b> .....	<b>45</b>
7.1 DOCUMENTÁRIO .....	45
7.2 VIDEOCLÍPE .....	46
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>48</b>
<b>ANEXO 1 – MÚSICA CRIADA PELO ARTISTA HBE PARA O PROJETO</b>	

**ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ - HBE**

**ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ -  
HENRIQUE**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente memorial descritivo do projeto experimental “Do morro pro mundo: o audiovisual na representação de artistas da periferia” explora a união entre uma produção audiovisual transmídia, o conhecimento adquirido ao longo do curso de Rádio, TV e Internet, e o interesse em comum que fortaleceu os laços da equipe: a música.

Para a criação de uma experimentação, o projeto investiga através da produção prática, os formatos de videoclipe e documentário. Analisando então o cenário musical atual do Brasil, o gênero *rap*, nesse caso em específico, se mostrou ideal para a pesquisa por tratar de temas relevantes tais como: discriminação racial, ascensão social, além de também ser um estilo muito consumido pelo grupo.

Apesar de serem formatos que possuem uma estética diferente, o videoclipe e o documentário, possuem juntos, um poder de comunicação muito forte, que se fez importante e necessário para estabelecer uma conexão entre o espaço universitário e a periferia. Esses gêneros, possibilitaram também que fosse criado um espaço para debater sobre um tema comumente abordado em obras de *rap*, a ostentação.

Com o trabalho, pretende-se, para além da experimentação de uma produção transmídia, refletir sobre a representatividade que o audiovisual cria, e as possibilidades que o *rap*, através de videoclipes e documentários, proporcionam para o artista e as pessoas envolvidas em um contexto periférico.

O desenvolvimento deste trabalho experimental como a conclusão do curso de Rádio, TV e Internet, torna-se uma alavanca para a formação de produtores de conteúdo que promovem temáticas que criam um diálogo entre a sociedade e a universidade. Para além disso, ele possibilita que novas narrativas sejam contadas, novos olhares sejam abertos e novas representações sejam criadas.

## 2 O AUDIOVISUAL E A REPRESENTATIVIDADE

Sendo uma grande formadora de opinião, a mídia atua diretamente na forma em que enxergamos o mundo. Portanto podemos afirmar que isso interfere e influencia a maneira como o público pensa e responde, social e politicamente. É um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 1992). Mas as mídias também são ferramentas poderosas na criação e proliferação de valores e estereótipos, e isso acaba caindo sob a sociedade como um padrão a ser seguido.

Devido ao impacto da mídia na formação de padrões estéticos e comportamentais aceitáveis na sociedade (KELLNER, 1995), a internet, como um campo aberto de discussões e exposições pessoais, amplia essas regras impostas e torna-se uma potencial ferramenta na construção social e formação de opiniões. Ela acaba por se tornar uma ferramenta fundamental e cada vez mais ativa no nosso cotidiano. Sendo assim, não podemos ignorar que ela também traz suas importâncias e um campo de interação social que se renova a cada momento.

A luta pelo reconhecimento e pela representatividade agora pode ser potencializada pelo audiovisual, que busca o reconhecimento, dando voz àqueles que são excluídos e não se sentem parte dessa sociedade. Além disso, a possibilidade de criar uma vida ideal através de um roteiro alinhado a elementos visuais almejam muitos jovens de periferia, como forma de evidenciar sua ascensão social, criando narrativas e ampliando discursos.

### 2.1 A ASCENSÃO DO RAP

A música traz consigo diversas possibilidades de socialização e vivência. Ela é responsável por gerar sentimentos, vontades e abrir o imaginário. Tudo isso interfere diariamente na vida das pessoas, que a partir disso, criam lembranças, laços, conexões e interesses diversos.

Consagrado atualmente como um dos gêneros musicais mais ouvidos do país, a importância do *rap* e do movimento hip hop vai além da musical. Surgido nas periferias de Nova York, na década de 70, o gênero se tornou uma manifestação cultural, um estilo de vida. Isso porque o movimento tem como base as críticas à desigualdade social, à violência e ao racismo, principalmente nas comunidades. Trata-se de um fenômeno social cujos protestos contra o preconceito são acolhidos por diferentes classes sociais, mesmo aquelas que não vivenciam essa situação (PINTO, 2003). Geralmente com letras marcadas por um forte apelo social, é um gênero que transmite a real vivência de periferia:

O hip-hop realmente trata de temas universais como a injustiça e a opressão, mas ele se situa orgulhosamente como uma música de gueto, adotando como temática suas raízes e seu compromisso com o gueto negro urbano e sua cultura. O *rap* evita a sociedade branca exclusivista (ainda que existam rappers brancos, assim como um público branco) e focaliza as características da vida do gueto que os brancos e os negros de classe média prefeririam ignorar: prostituição, cafetinagem, drogas, doenças venéreas, assassinatos de rua, perseguição opressiva de policiais brancos. A maioria dos rappers definem seu domínio com temas bem precisos, frequentemente não apenas citando a cidade, como também o bairro de sua origem, como Compton, Harlem, Brooklin ou Bronx. Mesmo quando ganha uma dimensão internacional, o *rap* continua orgulhosamente local; encontramos no *rap* francês, por exemplo, a mesma precisão de origem de bairros e a mesma atenção voltada para problemas exclusivamente locais. (SHUSTERMAN, 1998, P. 153)

Depois de tomar proporções mundiais o *rap*, inevitavelmente, chega ao Brasil, e ganha destaque em meados de 1986. Os primeiros shows do gênero aconteceram no Teatro Mambembe, em São Paulo, onde um dos primeiros a fazer e perpetuar esse estilo foi o DJ Theo Werneck. A partir disso, a cidade de São Paulo foi a primeira a viver o *rap* nacional, fato que a fez se tornar o berço dessa cultura. Foi lá onde se iniciou um dos mais famosos grupos, Racionais MC's, grande responsável pela ascensão do gênero pelo restante do país na década de 1990.

Nessa mesma época, da década de 1990, na qual o *rap* ganha destaque, o funk surgiu no Brasil, nas periferias do Rio de Janeiro, onde radialistas começaram a promover os “bailes da pesada”, que mais tarde se tornaram os “bailes funk”.

Embalados pela black music americana, principalmente o soul e o funk, milhares de jovens encontraram nos bailes de finais de semana uma alternativa de lazer até então inexistente. Desenvolveram-se nos mesmos espaços, por jovens de uma mesma origem social: pobres e negros, na sua maioria. Tanto a música *rap* e funk quanto o seu processo de produção continuam apresentando algumas semelhanças, fiéis à sua origem, tendo como base as batidas, a utilização de aparelhagem eletrônica e a prática da apropriação musical. (DAYRELL, 2002, P 126)

Dessa forma, podemos perceber e afirmar a semelhança entre esses gêneros que tiveram seus berços nas periferias do Brasil, e que hoje, se tornaram referência para aqueles que os escutam. Ambos os estilos são democráticos e não pressupõem o uso de instrumentos, domínio de habilidades musicais, ou mesmo o custo de montagem e organização de espaços (DAYRELL, 2002). Isso facilita o processo de criação e abre espaço para que todos tenham a possibilidade de ingressar na música. Segundo Dayrell (2002, P 126), “para os jovens da periferia que, geralmente, não têm acesso a uma formação musical, o *rap* e o funk são dos poucos estilos que lhes permitem realizar-se como produtores musicais e artistas”.

A partir disso, o *rap* e o funk se tornaram formas de a voz de um povo ser ouvida e respeitada, possibilitando que as periferias pudessem ter outros destinos.

De periferia para periferia, o gênero funciona como uma válvula de escape em vários sentidos: no sentido de se afastar das drogas, do tráfico, no tocante à falta de oportunidades de emprego, do desrespeito e limites impostos por uma sociedade estruturalmente racista. A relação do rapper com o público acontece da forma mais amistosa possível: a música acontece a partir de uma proposta de diálogo entre amigos (o MC e seu público), em que existe um relato de experiências em comum ao artista e aos ouvintes. (LIMA, 2019, P 49)

Apesar do preconceito criado e perpetuado pelas grandes mídias, o movimento de ascensão desses gêneros periféricos tomou proporções inimagináveis, e a sua importância para os moradores da periferia vai além do imaginado e esperado.

O Hip Hop é um fenômeno sócio-cultural dos mais importantes surgidos nas últimas décadas [...] Suas formas de expressão – a batida do *RAP*, os movimentos do break e as cores fortes do grafite – são apenas os signos visíveis de uma enorme discussão que fervilha entre esses filhos das várias e imensas desigualdades da sociedade brasileira a respeito da identidade racial, de possibilidade de inserção social, de alternativas à violência e à marginalidade [...] o Hip Hop é a resposta política e cultural da juventude excluída. (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001)

Com uma maior visibilidade e sendo “aceito” pelas grandes mídias, o *rap* e os *rappers* passaram a se tornar influência para as crianças que possuíam antes como referência o traficante (pessoa da comunidade que detinha o poder de consumo, como roupas, carros e joias). No momento em que surgem novos líderes coletivos, o rumo dessas pessoas começa a ser alterado através de um movimento cultural. Dessa forma, novas narrativas e possibilidades são criadas.

## 2.2 A EXPERIMENTAÇÃO DO VIDEOCLÍPE

Derivado da palavra clipping, o nome “videoclipe” sugere a ideia de recortes de imagens, uma junção de fragmentos. Dessa forma, o próprio nome nos apresenta algumas características do gênero, como a velocidade e o estilo de montagem.

Originalmente, o videoclipe era apenas visto como um material promocional feito para popularizar músicas e vender a imagem dos artistas. Utilizavam estruturas simples, com menos recursos. Essas obras contavam apenas com a presença do cantor ou da banda, alguns instrumentos junto ao microfone, e uma letra cantada. Não havia tantos cortes e a produção era a mínima possível. Mas ainda assim, segundo Arlindo Machado (2000, p.174), esse era o espaço

ideal para dar continuidade aos experimentos iniciados com o cinema de vanguarda dos anos 20, do cinema experimental dos anos 50/60 e também da videoarte.

O videoclipe também possui um discurso fragmentado com uma ideia de multi informação. Tendo em vista que os espectadores atuais estão acostumados a ver cada vez mais informações na tela, a montagem com essas multi informações é selecionada para um conceito estético do trabalho. Assim, a partir dessas informações e do valor estético da imagem sendo um dos pontos importantes na montagem, o tempo linear e a narrativa clássica são quebradas, ou seja, o início, meio e fim podem se misturar para enfatizar os outros valores. E, assim, esse dinamismo busca atender principalmente ao público destinado aos novos momentos culturais que são os jovens.

As imagens criadas para o videoclipe também mudaram conforme houve uma mudança na tecnologia e nos efeitos que é possível aplicar sobre a imagem. Com o desenvolvimento das imagens digitais o real não se tornou o mais importante a ser representado na estética da filmagem, mas criar sensações, isto tudo acrescenta no valor das multi informações e do valor estético que o clipe pode possuir.

Com o tempo, esses conceitos que eram atrelados aos videoclipes foram ficando para trás e novos sentidos surgiram a partir da experimentação do formato. Com o crescimento da indústria da música, os videoclipes passaram a ser considerados como obras audiovisuais expressivas e narrativas, onde as possibilidades eram variadas. Foi criado um espaço onde era possível desdobrar narrativas com cenários, personagens e atuações, da mesma forma em que se poderia vender um produto ou marca.

Por percorrer diversas áreas da comunicação, o videoclipe se tornou um gênero audiovisual diferente de todos os outros. Suas características híbridas permitem que eles sejam um produto multiplataforma, sendo feito para diversos tipos de redes, em diversos formatos (seja para assistir em uma TV, em um celular ou tela de cinema) e até mesmo com diferentes propostas de conteúdo (um curta de cinema, um material publicitário de marca).

É a partir desse momento que os videoclipes passaram a ter diversas funções. Ao mesmo tempo em que o cantor/banda pode aparecer nas telas, também pode se criar uma narrativa roteirizada, trabalhada e bem produzida e da mesma forma, esse veículo também pode ser utilizado para vender um produto ou marca. Assim, esse formato audiovisual passa a ter diversas funções, recriando sentidos, histórias, deixando a música narrar toda a cena em um segundo plano.

O sonho de consumo dos jovens cantores, carros, roupas, joias, bebidas, casas, clubes noturnos, são mostrados nos videoclipes de *rap*. De acordo com Bourdieu (2003), a

distinção entre as classes está relacionada com o capital cultural e material do indivíduo. Este capital cultural e material contribui para a formação tanto do gosto quanto da identidade e é adquirido por meio da herança cultural familiar. O lazer e luxo mostrado nos videoclipes, demonstram uma forma de sucesso, de atingir um patamar social desejado por muitos jovens, o que reflete o entendimento e a busca pela identidade das pessoas ligadas ao *rap*.

McCracken (2003) e Campbell (2006) definem a identidade a partir do ponto de vista do consumo, a formação do “eu” depende daquilo que se consome e da exposição dos objetos que refletem suas aspirações pessoais. (ABDALLA, 2014). Além disso, a roupa se configura numa forma de comunicação, (BARTHES, 2009), identificação a um grupo e ao mesmo tempo distinção individual, (SIMMEL, 2009). Dessa forma, os videoclipes de *rap* relacionam-se com a moda e seu consumo entre os jovens, além da importância do consumo para a construção das identidades.

Com a popularização do gênero, os videoclipes se tornaram, além de um produto e forma de entretenimento, um reflexo de uma sociedade. É uma ferramenta social poderosa para entender valores, estereótipos e representatividades que estão nas entrelinhas das narrativas.

### 2.3 O DOCUMENTÁRIO

O ato de documentar surgiu junto ao cinema, criado pelos irmãos Lumière, no ano de 1895. Antes de existirem os filmes com atores interpretando personagens, ainda que no cinema mudo, os irmãos aproveitavam para filmar cenas cotidianas apenas com uma câmera parada (devido ao peso da câmera) e um único ângulo.

Entretanto, embora possua algumas semelhanças, o gênero que conhecemos hoje como documentário surgiu apenas em 1920, a partir dos filmes criados por Robert Flaherty. Foi Robert que documentou a vida de um esquimó em *Nanook, o Esquimó*, o que influenciou a expansão do gênero e definiu o documentário como uma produção audiovisual que registra fatos, personagens e situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico).

Trazendo este cenário para o Brasil, aqui em nosso país as coisas aconteceram de forma diferente. Ainda que tenha surgido em 1920, as primeiras exposições ocorreram somente posteriormente mais no final do século 20 que foi junto com as suas primeiras produções que eram curtas que documentavam a paisagem local do Brasil tais como a Baía de Guanabara e outras belezas regionais.

A produção começou a crescer consideravelmente e isso fez com que as obras chegassem em mais telas, atraindo a atenção de um público maior. A veiculação em festivais e

em canais de televisão fechados foi fundamental para que o documentário se concretizasse, assim como a criação de leis de incentivo à produções audiovisuais.

Devido a sua posição ambígua e polêmica na história do cinema, ao mesmo tempo em que o documentário precisa recorrer a procedimentos estéticos e técnicos do audiovisual, se faz necessário uma aproximação da realidade (MELO, 2013). Segundo Migliorin (2010), o documentário atravessa um interesse pelo ser humano. É um dos formatos que possibilita entender o que pessoas comuns fazem no dia a dia, suas histórias, como ganham a vida, como ocupam espaços e como projetam o seu futuro. É um gênero audiovisual que possui forte poder de articular, revelar e explicar questões veladas na sociedade. Documentário e política andam juntos, justamente por isso ele é pensado como um operador do real. Assim, é “preciso um olhar atento, delicado, para o cotidiano, pois ali se insinuam as diferenças, uma outra prática de consumo, de relação com as imagens.” (MIGLIORIN, 2010).

É um gênero audiovisual rico e amplo. As abordagens podem ser diversas, e isso traz liberdade de criação para os roteiristas. Se por um lado, procura-se aproximar o documentário da realidade, utilizando de lentes, iluminação, edição e mais outras ferramentas audiovisuais, por outro, existe um respeito pela gravação, evitando uma direção do ator, utilizando ambientes naturais, imagens de arquivo, voz-over e etc.

Pela sua intenção de representar o real, muito se confunde o documentário com gêneros jornalísticos. Em notícias é necessário que se tenha uma imparcialidade, já que o público precisa que a informação seja neutra. Diferente disso, no documentário busca-se a parcialidade. É interessante que o diretor imprima na sua obra o seu jeito de observar o mundo, o que ele quer e deseja provar com o filme. Não é necessário que seu ponto de vista fique subjetivo - a menos que ele o deseje. O diretor possui liberdade para tomar quais lados quiser, mostrar o que quiser, defender ou atacar uma ideia. Segundo Amir Labaki, o cinema não-ficcional é uma obra de arte que carrega a visão de mundo de seu criador, tanto quanto qualquer filme de ficção esteticamente engajado.

Por possuir essa estética voltada para a representação do “real”, o documentário também vai de encontro às representações sociológicas de grupos ou comunidades que se formam a partir de uma identidade cultural em comum. Entender as fissuras sociais que existem e representá-las faz parte desse estilo cinematográfico. Ele retrata o social de forma em que os personagens do filme são representações próprias, ou seja, sem atores interpretando papéis, mas sim pessoas representando a si mesmas e fazendo de suas vidas o filme.

Como um bom exemplo para essa representatividade, podemos citar o diretor Emílio Domingos. Em suas produções de títulos: *Favela é Moda (2011)*, *A batalha do passinho*

(2012) e *Deixa na Régua* (2015), o diretor busca entender três elementos que estavam em ascensão na época e hoje se mostram mais consolidados. No documentário *Favela é moda* (2011) com o olhar de fora, de quem não pertence àquele espaço, ele mostra a cultura da periferia do “se vestir bem” e como isso se tornou importante para os jovens de comunidades, que apesar das dificuldades enfrentadas para a ascensão social, querem estar bem e com a autoestima elevada. Também se encaixando nessa perspectiva de entender a cultura periférica, o filme *Deixa na Régua* (2015) mostra como as barbearias se tornam um local e momento “sagrado” para a comunidade. O cabelo que está “na régua”, como é falado popularmente, traz a ideia de estar bem com você mesmo, um autocuidado para além de um momento de convívio entre os jovens que estão saindo de suas rotinas em busca de socialização. *A batalha do passinho* (2012) conta a história do surgimento do passe de dança chamado passinho é como este fenômeno que ultrapassou as barreiras da favela, manifestação cultural que ajudou o funk a se propagar para além da periferia.

O gênero documentário também possui um grande papel social de expressão das minorias sociais, as grandes indústrias das mídias como cinema e televisão, sempre mostram somente um lado da história, geralmente contado por aqueles que possuem o capital e participam da homogeneização social que essas mídias representam, sendo em sua maioria homens brancos de classe média e heterossexuais.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO PROJETO

#### 3.1 MOTIVAÇÃO PESSOAL

O fascínio e a proximidade com a cultura do *rap* estão presentes na vida particular de cada um do grupo. Não só musicalmente, mas também no contexto de quem consome eventos e produtos relacionados. Assim, com o trabalho prático, o grupo que estava em um papel de consumidor, se torna produtor e criador.

Além disso, não é só o contexto do assunto abordado (*rap* e música), mas também com o processo de produção audiovisual voltado para isso. O ato de realizar um produto para os alunos é tão fundamental quanto o que vai ser abordado no que é produzido. Por isso, resolvemos nos formar como um grupo devido a nossa proximidade no tema e levar o que cada um tem em sua particularidade com o movimento cultural e como bagagem de conhecimento audiovisual.

##### 3.1.1 Gabriel Telles

Desde adolescente eu ouço e gosto muito de *rap*. Ainda novo, já frequentava shows e eventos do gênero, mesmo que não tivesse idade para estar nesses ambientes. Sempre tive um interesse enorme pela cultura. Sou bem eclético em relação ao meu gosto musical, mas me chamava muita atenção todo o espetáculo em torno da música: as roupas, clipes, letras e estilo de vida que o movimento transmite. Talvez por isso, eu gostava tanto. Não era só a música, o ritmo e as letras que me impactaram, mas a moda, o visual que os rappers possuem, a ousadia e personalidade que estão muito presentes nessas obras.

Quando entrei na faculdade e o mundo do audiovisual veio à tona para mim, comecei a prestar mais atenção nos detalhes, na criação e estética desses produtos. Nunca fui muito ligado a séries e filmes, mas videoclipes sempre me atraíram. Horas em frente ao computador assistindo clipes no volume máximo, tomando uma cerveja e me imaginando em cena. Com meu desenvolvimento em filmagem, edição e fotografia, o interesse mudou, já que não me imaginava mais nos clipes, mas sim, os produzindo. Em especial, os videoclipes americanos sempre foram mais bem produzidos por causa de orçamentos e oportunidades. O *rap* americano circula muito dinheiro nos Estados Unidos e no mundo, afinal foi lá que o gênero foi criado e tomou força.

O *rap* hoje, no Brasil, é um dos gêneros mais ouvidos, e os videoclipes também acompanham esse desenvolvimento do gênero. Surge uma profissionalização das produções. E dessa forma, me vejo mais próximo às minhas expectativas de trabalhar com isso, visto que acompanho cada vez mais pessoas que estavam perto de mim trabalhando nessas produções.

Desde que ingressei na faculdade, a Larissa foi uma amiga próxima. Muitos interesses em comuns fizeram a amizade dar certo, e claro, o *rap* foi um deles. Sempre mostramos música, falamos de artistas, íamos a shows e eventos de *rap* juntos. E trouxemos esse interesse mútuo para a faculdade com trabalhos que tratavam sobre o assunto diretamente ou indiretamente, seja um projeto de pesquisa para a matéria de semiótica, ou um podcast para a matéria de rádio, roteiros para a disciplina de argumento; todos com esse mesmo tema.

Naturalmente, quando surgiu a ideia do TCC, eu e Larissa já sabíamos que íamos fazer juntos, e claro, com o tema sobre *rap*. Refletimos sobre o formato que faríamos: podcast, videoclipe, curta, documentário, o que seria? Não tardou a chegar a conclusão: vamos fazer um clipe de *rap*. Assim, unimos nossos interesses em comuns, um formato que gostamos e algo para usar em nosso portfólio, já que é visado o mercado audiovisual de *rap* por nós.

Discutimos mais a fundo, tentando filtrar tudo, como seria, com quem faríamos. Descobrimos na matéria TCC I, que o mínimo de pessoas para o trabalho prático são 3. Fomos então atrás de uma terceira pessoa para integrar a equipe, já que não gostaríamos de abrir mão da vontade de fazer esse projeto. Falamos com as pessoas que estavam fazendo a matéria, mas todas já estavam engajadas em seus projetos próprios. Com pressa e com medo de não conseguir realizar o projeto, fomos atrás de mais uma pessoa, mas, individualmente, convidando. Após muitos recursos, Bernardo se reuniu comigo e Larissa e amou o projeto. Bernardo também gosta de videoclipes e de *rap*, logo foi vantajoso para ambas as partes. Fizemos então mais algumas reuniões para discutirmos interesses, gostos, pontos de vista e nossa relação com o projeto foi ficando mais forte.

Com o grupo formado, ideias acertadas e projeto pronto, o próximo passo era partir para parte da produção.

### **3.1.2 Larissa Tavares**

Desde criança comecei a ouvir músicas de *rap* e r&b por influência de meus tios. Com o passar do tempo me tornei fã desses gêneros, principalmente quando se tratava de músicas internacionais. Mas foi somente cursando o meu ensino médio que, junto aos meus amigos, comecei a desbravar a cena do *rap* brasileiro.

Não demorei a criar interesse por diversos artistas e começar a frequentar shows. Passava horas dos meus dias cantando e assistindo videoclipes, me perguntando como eles eram feitos, como era a preparação e como funcionava a gravação. E foi justamente nessa época onde precisei decidir - ou pelo menos tentar - a área que eu gostaria de estudar na faculdade.

Com interesse pela área da comunicação e sabendo que minha família não conseguiria pagar para que eu fizesse um curso particular, me dediquei nos vestibulares e pesquisei as opções que eu tinha aqui em Juiz de Fora. Não demorou muito para que eu escolhesse e começasse a amar o RTVI, que unia tudo o que eu gostava.

Assim que entrei na faculdade, me preocupei em fazer novas amizades. Um dos primeiros amigos que fiz foi o Gabriel, e nossa conexão foi formada rapidamente. Entre o caminho de ida e volta da Universidade, sempre compartilhamos nossa vida e nossos interesses. Começamos a falar de música e logo descobrimos que éramos fãs dos mesmos artistas e dos mesmos gêneros musicais. A partir disso, nos conectamos ainda mais. Além de fazermos trabalhos juntos, também começamos a sair juntos. Nossos laços ultrapassaram os portões da UFJF e se tornaram laços para a vida toda. Viramos companhias de “rolês”, e principalmente de shows.

Em toda oportunidade, eu e Gabriel colocamos o movimento do *rap* em nossas pesquisas. Até que chegamos ao ponto de pensar neste presente trabalho, a nossa conclusão de curso. E nos surgiu a oportunidade de colocar todos os nossos interesses em prática: *rap* e videoclipes. O único desafio seria encontrar um terceiro integrante para que pudéssemos realizar um TCC prático.

Pensamos em desistir de nossas ideias diversas vezes, até que, procurando pessoas que poderiam se interessar pelo nosso trabalho, me indicaram o Bernardo. Apesar de ser nosso veterano, sempre tivemos uma boa conexão. Logo lembrei de nossas conversas, de nossos interesses em comum, e o convidei para fazer parte de nossa equipe. Conversamos bastante sobre o tema que tínhamos em mente, analisamos nossas opções e finalmente decidimos o objetivo do nosso trabalho: estudar, através de um mini documentário, o impacto que videoclipes de *rap* possuem na periferia.

### **3.1.3 Bernardo Perantoni**

Tanto o *rap* quanto a produção de videoclipes voltados para esse nicho me acompanharam da adolescência até o momento de escolha do curso da faculdade, e seguem sendo grandes motivadores da minha paixão.

Na época dos meus quinze anos, acontecia na Praça da Estação de Juiz de Fora a “Batalha de MC’s”. Em algumas sextas-feiras à noite, eu decidi me juntar a alguns amigos e frequentar estes encontros. Com um skate debaixo do braço e uma cerveja na outra mão, fiquei encantado e fascinado com o movimento: a cultura de rua, o urbano, as duas pessoas batalhando através de palavras e rimas. Tudo isso acontecendo no mesmo lugar me fez querer fazer parte desse movimento de alguma forma.

Por possuir um lado introvertido e tímido, cheguei à conclusão de que não conseguiria participar de uma batalha, pois devido a toda pressão do momento e as pessoas em volta, existia uma grande chance de eu travar em frente aquilo tudo. Não desisti de fazer parte daquele movimento, assim continuei a frequentar a roda e aproveitar os momentos bons que ela me proporcionava com meus amigos. Até que um dia, naquela multidão de pessoas, eu vi uma pessoa que estava no meio da batalha, e diferente dos outros envolvidos ela não rimava, mas possuía um outro objeto em sua mão: uma câmera fotográfica.

Naquele objeto, num primeiro momento quase místico para mim, estaria a solução do meu sonho de conseguir participar do movimento mesmo sem rimar. Eu poderia registrar e criar imagens que transmitisse a sensação que eu sentia em estar naquele lugar. Conseguir, a partir de um click, pegar uma fração de segundo que ficaria eternizada em um cartão de memória. E essas imagens também poderiam ajudar o movimento cultural que eu me encantava cada vez mais. Com a descoberta da câmera digital e por ter visto nela a possibilidade de viver um sonho, percebi como a imagem esteve presente na minha vida desde pequeno e decidi seguir aquele caminho.

Com a chegada do fim do ensino médio decidi tentar a Comunicação Social. Nesse momento descobri que a Comunicação Social na Universidade Federal de Juiz de Fora agora, havia se reconfigurado em duas Habilitações: o Jornalismo e o recente RTVI. Decidi tentar esse curso e assim, sou parte da primeira turma do novo curso.

Na Faculdade comecei a procurar projetos para me envolver que tinham essas áreas de forma separadas ou juntas. Assim, me envolvi com o pessoal do *rap* de Juiz de Fora, conhecendo os MC's da cidade, seja gravando a própria batalha de rima, fazendo clipes ou gravando documentários com entrevistas. Essas experiências me moldaram como estudante de e fizeram parte da minha busca profissional e pessoal, o que me trouxe até este TCC.

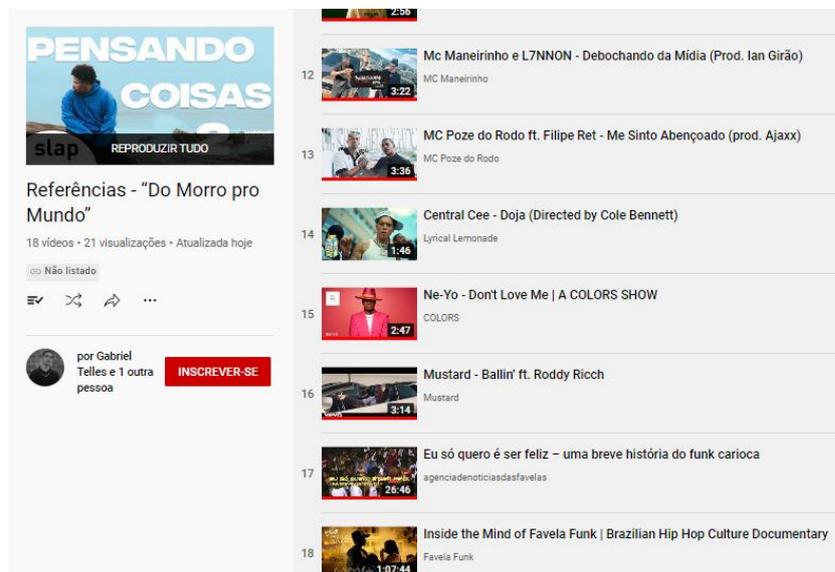
### 3.2 PESQUISAS

Para a construção de uma experimentação transmídia envolvendo um videoclipe e um documentário, primeiro começamos a idealizar o conceito da obra e também a refletir sobre a mensagem que seria passada com ela.

Em um momento inicial, analisando o cenário atual do movimento *hip hop* onde o *rap* está em evidência, fomos tentados a seguir o que já é comum de ser visto nas obras audiovisuais do gênero. Com a estética voltada para uma ostentação exagerada, o intuito do projeto era justamente mostrar este lado mais “sujo” da música.

Foram necessárias uma série de pesquisas para que pudéssemos nos nortear. Buscamos referências, tanto de documentários quanto de videoclipes, além de bibliografias, para estudarmos e entendermos o universo e a estética que o movimento *hip hop*, como um todo, envolve. Foi preciso estabelecer uma linha de raciocínio, onde optamos por resgatar o surgimento e as mudanças sofridas nos gêneros de videoclipes e documentários ao longo dos anos. Além disso, para selecionarmos referências visuais, fizemos buscas nacionais e internacionais, para que pudéssemos compreender o cenário atual da música.

Imagem 1: *Playlist* de referências visuais criada no YouTube



### 3.3 A BUSCA PELO ARTISTA

Para dar prosseguimento ao projeto, iniciamos a busca por possíveis artistas do movimento *hip hop* de Juiz de Fora. Em uma dessas buscas, fomos surpreendidos por um perfil completo e repleto de trabalhos do artista HBe (Hiago Barcelos).

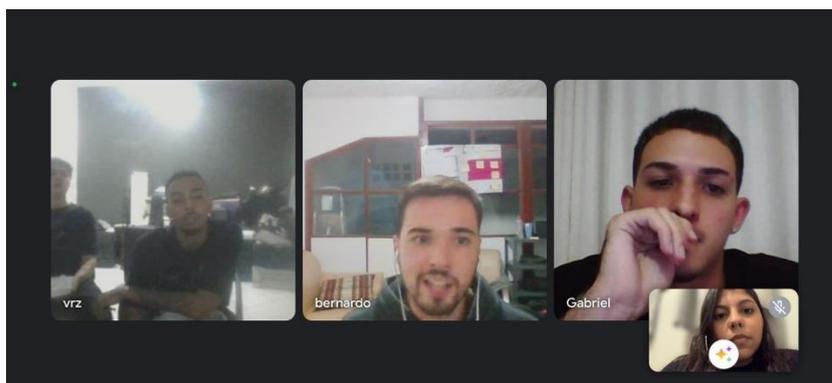
Imagem 2: Perfil de HBe no Instagram



A partir desse contato inicial, o perfil de HBe no YouTube se tornou uma grande referência para o nosso projeto. Foi uma grande oportunidade para entrar em contato com a sua arte e também entender previamente a sua forma de trabalho. Assim, optamos por procurar o contato de seu produtor para que verificássemos a disponibilidade e viabilidade de uma possível parceria.

Após o primeiro contato, definimos uma reunião online para que toda a equipe do artista pudesse conhecer um pouco mais sobre nossa formação e também sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo.

Imagem 3: Primeira reunião online com HBe e equipe



### 3.4 CONTATO

Apesar da primeira reunião com Hiago e sua equipe ter sido proveitosa e ter nos dado a possibilidade de imaginar os rumos que poderíamos seguir com o projeto, foi também um momento de receios e inseguranças.

Fizemos uma apresentação<sup>1</sup> breve para contar sobre nossas experiências pessoais e profissionais, e os motivos que nos levaram a criação do projeto “*Do morro pro mundo*”. Fomos muito bem recepcionados por Marcelo, produtor de HBe, e pelo restante da sua equipe, Arthur e Matheus (responsáveis pela produção musical do estúdio) e Victor e Dylan, (responsáveis pelo audiovisual e fotografia, respectivamente).

Imagem 4: Apresentação feita para a reunião



Entretanto, no cenário independente do *hip hop* é comum ver a formação de grupos bem fechados e concretos, o que acaba não abrindo oportunidades para pessoas que não estão

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://bit.ly/apresentacaoprojetoinicial>

inseridas no movimento. Então, a partir da junção de nossa equipe com a de Hiago, não tínhamos certeza se teríamos liberdade criativa, o que poderia tirar a nossa autonomia do projeto.

Ainda que receosos, optamos por prosseguir com o projeto e finalmente concretizar os laços das equipes. Nesta etapa, estabelecemos reuniões presenciais e semanais no estúdio de HBe, para que fosse possível compartilharmos ideias, referências e também conhecimentos. De certa forma, essas reuniões exigiam mais comprometimento e disponibilidade de todos, o que acabou fazendo com que alguns integrantes da equipe deles se ausentassem das reuniões e posteriormente, não participassem mais ativamente do projeto.

Imagem 5: Reunião presencial com HBe e equipe



Já mais habituados e mais próximos do artista e sua equipe, ficamos mais confortáveis para expor nossas opiniões e definirmos as etapas que se seguiram no projeto.

## 4 SAINDO DO PAPEL

### 4.1 NOVOS DIRECIONAMENTOS

Em algumas conversas com HBe, notamos a frustração dele e de sua equipe com o cenário atual do *rap* e a valorização exagerada de bens materiais que vem sendo cada vez mais atrelada ao gênero. Nesse momento, começamos a refletir sobre o tema e sobre o que gostaríamos de passar com as narrativas que estavam sendo criadas.

Ao longo de nossa formação no curso de Rádio, TV e Internet, desenvolvemos grande conhecimento acerca da representatividade criada pela mídia e a sua importância para a formação pessoal de quem consome determinada obra.

Na maioria dos videoclipes de *rap* que analisamos, é possível ver a valorização de corpos negros apenas quando estão cercados de joias, dinheiro, mulheres e bebidas. E apesar do gênero reforçar o discurso “do lixo ao luxo”, o mesmo acaba se tornando vazio quando, ainda que vestidos de roupas de marcas e rodeados de dinheiro, são esses corpos que continuam sendo alvos de perseguição diariamente.

O contexto de desigualdade social afeta diretamente crianças, jovens e adultos, que desenvolvem automaticamente uma inferioridade em relação ao restante da sociedade. Isso faz com que a educação, uma formação profissional, um bom emprego e a ascensão social, pareçam apenas sonhos distantes e impossíveis de serem alcançados.

A partir desta reflexão, optamos por alterar o objetivo deste projeto, e evidenciar essa ascensão social como uma forma de ostentação, de poder, que pode ser acessada por qualquer um.

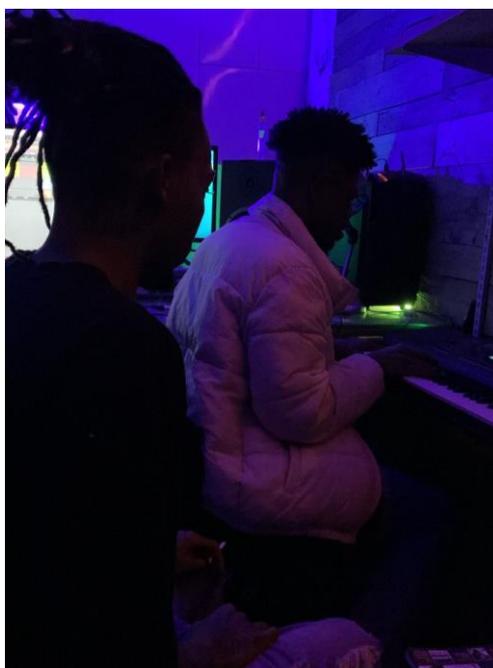
### 4.2 DESENVOLVIMENTO DA MÚSICA

Para que pudéssemos seguir adiante, estabelecemos juntos ao artista que a primeira etapa seria a criação da música, feita e escrita exclusivamente para o projeto. Inicialmente, foram necessárias algumas reuniões para alinharmos as opiniões em relação ao conteúdo que seria passado na letra. Nossas buscas por referências aumentaram constantemente e combinamos previamente uma reunião específica para que todos pudessem opinar e contribuir no que seria feito.

Já habituados com este processo, a equipe de HBe nos recepcionou com o *beat*<sup>2</sup> da música já previamente escolhido e refinado, faltando apenas ser finalizado e adequado à rima, que é feita a partir das batidas do som. A partir disso, fomos acompanhando o processo criativo do artista, atentos ao que estava sendo feito e ajudando no que fosse necessário.

Esse processo de criação acabou sendo diferente do que imaginávamos anteriormente. Ao ouvir a batida da música, HBe foi combinando a fonética das palavras e criando rimas, que aos poucos, foram se tornando as estrofes cantadas. Além desse improviso, ele também revisava o que estava sendo cantado e se mostrou preocupado e atento a mensagem passada com a letra.

Imagem 6: Desenvolvimento da música



### 4.3 PLANEJAMENTO

Para o planejamento de ambas as produções – documentário e videoclipe, optamos por reunir apenas a nossa equipe. Além de conversar e definir as etapas necessárias para o desenvolvimento do projeto, foi também o momento de definir a equipe completa e distribuir as funções que cada um desenvolveria.

---

<sup>2</sup> Palavra da língua inglesa que significa bater, pulsar, vencer. Beat é o ritmo cadenciado, a batida usada nas batalhas dos rappers. Serve de fundo musical para a composição que os rappers fazem para falar de suas ideias.

Devido a inviabilidade financeira para custear uma grande equipe e os equipamentos que seriam utilizados para as gravações, tivemos que reduzir ao máximo os integrantes e propor uma forma de trabalho voluntária para todos.

A partir de contatos e pesquisas através das redes sociais, convidamos algumas pessoas e fizemos a composição do trabalho, assim como mostra a tabela a seguir.

EQUIPE		
NOME	FUNÇÃO	PRODUTO
Gabriel Ribeiro Telles Ferreira	Direção	Videoclipe
	Edição e finalização	
Larissa Tavares de Figueiredo	Produção	Videoclipe e documentário
	Direção de arte e maquiagem	
	Roteiro	Videoclipe
Bernardo Perantoni Sousa	Direção	Documentário
	Edição e finalização	
	Iluminação e câmera	
Caio Guimarães Deziderio	Direção de fotografia	Videoclipe
Guilherme Rocha de Brito	Assistente de câmera e iluminação	Videoclipe
Ana Luisa Barreto Barra	Figurino	Videoclipe
Pedro Henrique Baptista Moreira	Câmera - Mini DV	Videoclipe
Matheus Pereira Pires	Still	Videoclipe
Matheus Duarte	Still	Videoclipe
Marina Veloso	Assistente de produção	Videoclipe

Tabela 1: Equipe de produção

## 5 DOCUMENTÁRIO

### 5.1 CONCEITO

A idealização do documentário “*HBe: ainda não desisti*” surgiu a partir de uma necessidade de ampliar a visibilidade do âmbito social que permeia a cultura do *hip hop* nacional. Visamos contar a história de superação de um morador da periferia de Juiz de Fora, que através de sua inteligência artística tem buscado sua ascensão social, se desviando do estereótipo criado para trabalhadores da comunidade que possuem mão de obra barata e desvalorizada e também do perfil marginalizado de jovens envolvidos no tráfico de drogas. Uma realidade que permeia a vivência das crianças da periferia e muitas vezes as impedem de chegar à maioridade.

A fim de compreender a cultura das periferias, utilizamos os documentários de Emílio Domingos como referências. As produções *Favela é Moda* (2011), *A batalha do passinho* (2012) e *Deixa na Régua* (2015), foram além de inspirações, como já citadas anteriormente, determinantes no processo de compreensão da trajetória do artista HBe, desde o seu início até o momento seu status atual.

No sentido literal de documentar, durante a execução dessa produção todos os encontros do grupo e os encontros com a equipe de trabalho de Hiago foram gravados. Alguns encontros específicos merecem certo destaque, como os que aconteceram no estúdio de música, o deslocamento da equipe do artista para o bairro Ipiranga, a entrevista no estúdio da faculdade e a gravação do clipe com making off.

### 5.2 A ENTREVISTA

Para a construção do documentário, foi necessário aproximar o artista de nossa equipe e criar uma conexão para que o trabalho pudesse alcançar a máxima de sua potencialidade. Entre encontros e conversas com HBe e sua equipe, marcamos uma entrevista para conhecer mais sobre a pessoa para além dos palcos.

A entrevista<sup>3</sup> já demonstrava seu caráter significativo ao simbolicamente conferir voz ao artista, para que Hiago Barcelos, pudesse compartilhar sua história, ser ouvido e

---

<sup>3</sup> Material bruto disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1BwYN208gqeEtsa3OM5Yz-qrXeDNbRRCd?usp=sharing>

compreendido. Durante a gravação foram compartilhadas novas perspectivas que permitiram a compreensão da caminhada dele até se tornar o MC que é atualmente.

A gravação da entrevista foi marcada para uma sexta-feira, dia 15/07/2022 às 17 horas, no estúdio da Faculdade de Comunicação da UFJF. Organizamos o local da gravação previamente para a chegada do artista e sua equipe. Durante a preparação, adaptamos o estúdio com uma cenografia e luz correspondente, conforme as referências e briefing definidos em nossa pré-produção, o que contribuiu para a eficiência e agilidade desse processo.

Na cenografia foram utilizados elementos do próprio estúdio, como luzes e equipamentos. Utilizamos um fresnel desligado e um led fazendo a contraluz do artista. Na iluminação, foi utilizada uma luz simples de três pontos tendo um fresnel de luz branco como iluminação principal e preenchendo o cenário, um led no outro lado para que a iluminação em ambos os lados do rosto do entrevistado ficasse equilibrada e também atuando como uma luz secundária, e um led para atuar como a contraluz.

Imagem 7: Entrevista com HBe



Na organização de um roteiro para a realização da entrevista havia uma preocupação para que esta não ocorresse de forma muito engessada e formal. Durante a gravação, a intenção foi estabelecer um diálogo que contemplasse alguns pontos significativos e que esse processo ocorresse de forma mais natural, por isso houve uma preocupação extra em criar um ambiente confortável para que o artista se sentisse à vontade para compartilhar suas histórias. Dentre os pontos que foram considerados importantes, ressaltam-se as suas origens, histórias sobre o bairro Ipiranga (onde nasceu e cresceu), a descoberta de suas habilidades

artísticas, o primeiro contato com o *rap*, sua família, sentimentos, perspectivas para o futuro e carreira.

Imagem 8: Equipe presente na entrevista



### 5.2.1 Da infância ao sucesso

Iniciamos a entrevista compartilhando em poucas palavras a experiência de ida da equipe de produção ao bairro de origem de HBe, e em seguida o convidado começou a relatar sobre a sua própria experiência na comunidade, abordando tópicos como sua infância e adolescência. Ele ressaltou ainda a presença dos jogos de futebol na rua para seu desenvolvimento e o início do que seria um projeto felizmente fracassado - o seu envolvimento com o tráfico de drogas.

Mais adiante, nos foi contado sobre como um tatuador o influenciou e o incentivou a seguir o “caminho certo” (expressão usada por ele). Para HBe, esse amigo tatuador foi como um professor que o fazia atravessar a cidade, às sete horas da manhã, para encorajá-lo a se tornar uma pessoa comprometida. Foi trilhando seu caminho como tatuador que ele também teve seu primeiro contato com o *rap*, que fazia parte da sua vida desde a infância. Hiago compartilhou diversas histórias de sua infância, onde seu pai sempre o incentivou a escutar Racionais e Sabotage, apesar das ressalvas de sua mãe que dizia tratar-se de “música de bandido”.

Depois disso, o contato de HBe com a música foi acontecer posteriormente em um projeto social organizado em seu bairro por Negro Bússola e Ice Blue. Todas as crianças de sua comunidade foram convidadas para irem à igreja e aprenderem a escrever *rap*. É a partir dessa iniciativa de projeto social que o Hiago então percebeu que o seu sonho era seguir o caminho musical e transmitir para todos os seus sentimentos, que posteriormente foram gravados no seu primeiro *EP*<sup>4</sup> - “Além dos olhos”.

### 5.2.2 Destaques

Um dos pontos de destaque da entrevista, foi o incentivo de sua família e como isso foi fundamental para o seu processo. Segundo HBe, sua família sempre apresentou os dois caminhos de suas escolhas, o positivo e o negativo, e assim sempre o aconselharam e o apoiaram em toda sua trajetória.

Além dos conselhos, ele destacou que seus pais são grandes apoiadores e foram suas referências culturais desde a infância. Ele também compartilhou um pouco sobre a sua filha e a mudança que o nascimento dela acarretou em sua vida. Devido a novas responsabilidades para oferecer tudo de melhor para a menina, ele voltou a se dedicar ao ramo de tatuagens e acabou não podendo seguir apenas na música pela falta de oportunidades.

Ao final da entrevista, falamos sobre sentimentos e tentamos puxar algumas reflexões. Em geral, na sociedade e principalmente na comunidade, mostrar os sentimentos demonstra fraqueza, ainda que sendo um artista que trabalha com música, Hiago se reconhece como uma pessoa fechada. Sendo um negro e vindo da periferia, ele traz um olhar mais sensível em relação ao mundo, tentando se livrar de uma armadura naturalmente criada para o convívio social. Ele também conta que, assim como colocamos no nome do projeto, ele busca chegar ao mundo.

## 5.3 IMAGENS EXTRAS

Em paralelo a gravação da entrevista e do videoclipe, foram documentadas outras imagens para compor o documentário, em que cada uma funciona como um dispositivo narrativo para história, necessárias para passarmos a ideia do filme.

---

<sup>4</sup> Obra musical de duração superior à do single e inferior à do álbum de longa duração, gravada em suporte físico (CD, vinil, etc.) ou digital.

Como existe a intenção de criar ruídos em meio a entrevista do artista ou a entrevista ser o ruído da fala, a primeira imagem captada foi a da ida da produção ao bairro Ipiranga. Em sua estética ela se mostra dentro de um carro, nunca de fora, mostrando o distanciamento social presente entre os integrantes do projeto e a periferia.

A segunda captação de imagens que tivemos durante o processo foi a ida ao estúdio do artista em que se divide em duas gravações. Na primeira, temos o processo criativo da música, imagens de HBe gravando o som, elaborando a letra e criando o *beat* com a sua equipe. Na segunda, fizemos a documentação no estúdio onde apresentamos o conceito do videoclipe para a equipe do artista, passando pelo storytelling do vídeo até o conceito que criamos para a narrativa.

Imagem 9: Apresentação do conceito do videoclipe



As últimas imagens produzidas para o filme foram o making off do clipe mostrando o artista no seu lugar mais confortável, realizando sua performance e também voltando à sua origem, convivendo com os amigos e reencontrando os moradores que compartilharam momentos da sua infância.

O intuito dessas imagens é ilustrar o processo criativo do artista e do projeto como um todo, mostrando que o documentário não se trata somente de um filme sobre o artista, mas também de promover um novo lançamento musical. Todas elas têm um significado único para o documentário, e foram fundamentais para transmitir uma mensagem e ajudar a construir a complexidade do personagem HBe.

#### 5.4 CONFIANÇA

Conhecer a história para além do artista HBe, e finalmente entender o lado humano de Hiago, fez com que a sua conexão com a nossa equipe aumentasse significativamente. Essa conexão nos permitiu estabelecer uma confiança maior uns nos outros, e posteriormente, nos concedeu mais liberdade e autoridade para imprimir a nossa própria identidade ao projeto.

## 6 VIDEOCLÍPE

### 6.1 CONCEITO

O conceito<sup>5</sup> que criamos para o videoclipe se baseia no próprio nome do projeto: Do morro pro mundo. Para isso, construímos duas narrativas que serviram como base para imagens de apoio e para a performance do artista. Essas narrativas foram pensadas para acontecer de forma simultânea e se juntarem apenas na cena final.

A primeira narrativa acompanha o artista HBe em momentos diferentes. Em um primeiro momento ele está em seu bairro de origem, em duas locações: em uma laje, com vista para a periferia onde cresceu, e em frente à uma grande casa em construção, para evidenciar o seu progresso enquanto artista. Já no segundo momento, ele está em um ambiente neutro, no estúdio, com o fundo se alternando de uma cena para a outra, em um branco e preto, trazendo contraste.

Em contrapartida, a segunda narrativa confere ao videoclipe uma estética mais inocente. Ela é responsável por trazer a visão de uma criança sobre o mesmo bairro onde HBe cresceu. A criança está saindo de sua casa, vestindo roupas colegiais, e se mostra apressada, correndo por todo o seu trajeto.

A cena final, acontece quando a criança se depara com a gravação do videoclipe acontecendo. Em nenhum momento da narrativa temos a certeza de para onde ela está indo, mas é possível ver aonde ela pode chegar: em sua ascensão, assim como HBe.

### 6.2 PRODUÇÃO

Para a produção do videoclipe, foi necessário encontrar um artista que pudesse interpretar a criança que participaria de uma das narrativas. Através de uma enquete feita no perfil do Instagram dos integrantes de nossa equipe, pedimos indicações. Assim nos foi indicado o perfil de Henrique. Entramos em contato com seu pai, Mandela, responsável pela supervisão do perfil, e explicamos o projeto inteiro. Descobrimos que além de jogador de futebol, Henrique grava vídeos para o tik tok e já fez lançamentos de algumas músicas suas de *rap*, assim como HBe. A parceria logo foi aceita e mantivemos contato durante todo o processo de criação e produção.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://bit.ly/conceitovideoclipe>

Imagem 10: Perfil de Henrique no Instagram



Além de manter o contato com toda a equipe durante a pré-produção, realizamos reuniões individuais para decidir algumas questões importantes como figurino, maquiagem, cenário e estética.

Através de um documento específico<sup>6</sup> feito pela direção de arte, construímos um *moodboard* com referências visuais e o conceito para os figurinos, para auxiliar a Ana Luísa, integrante da equipe responsável pelo styling do videoclipe.

Imagem 11: *Moodboard* com referências visuais

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bit.ly/domorropromundoarte>

Também foi essencial realizar uma reunião com os integrantes Caio e Guilherme, responsáveis pela fotografia do videoclipe. Foi a partir dessa conversa que ficou definido quais equipamentos seriam necessários para compor o cenário e a iluminação, bem como o tempo que seria preciso para fazer a gravação de cada uma das cenas que haviam sido propostas no roteiro.

Para definir as locações das cenas externas, fizemos diversas visitas ao bairro para conhecer e criar uma familiaridade com o local. Isso possibilitou que encontrássemos os locais ideais para realizar as gravações. Uma delas foi feita na própria casa de um dos integrantes da nossa equipe, o Matheus Duarte, e a outra, na casa de Dona Jussara, que nos cedeu sua laje com toda boa vontade.

Imagem 12: Locação – Casa de Matheus Duarte



Imagem 13: Locação – Laje de Dona Jussara



Depois de estipular os prazos e dias que seriam feitas as gravações, organizamos a ordem do dia para estabelecer os horários de chegada de cada um da equipe, das cenas e dos intervalos necessários. Também produzimos as autorizações de uso de imagem e voz a serem utilizadas nas cenas. Isso contribuiu para que o set se mantivesse tranquilo e organizado, evitando confusões e transtornos.

### 6.3 EQUIPAMENTOS

Para o videoclipe foi definido a câmera BlackMagic Pocket 4k, pela qualidade, desempenho, formato de arquivo e acessibilidade para o projeto. Devido a estética do projeto definida ter sido baseada nos clipes de *rap*, consequentemente, o uso da câmera na mão foi presente na maioria das vezes, logo foi necessária uma lente mais aberta, 16mm para dar mais estabilidade na imagem e prevenir *takes* desfocados.

De equipamento foram necessários o *shoulder*, para estabilização das imagens na rua, em que o personagem está em deslocamento. Já para as masters foi usado somente o grid para estabilização. Em contraponto às cenas mais livres, nas cenas feitas no estúdio foi utilizado o tripé, com *dolly in*, para estabilização e profundidade na imagem.

Além disso, para produzir um contraponto com a imagem mais limpa vinda da Pocket 4k, foi usada a câmera Sony Mini DV para a produção de imagens analógicas.

## 6.4 GRAVAÇÕES

As gravações para o videoclipe foram realizadas em duas diárias. Por serem locações diferentes e distantes entre si (uma interna no estúdio e outra externa no bairro), optamos por espaçar os dias e dar um descanso para as equipes, possibilitando também que a previsão do tempo ficasse melhor para o dia de gravação externa.

### 6.4.1 Dia 1

Para a semana da gravação foi feita uma reunião com o diretor de fotografia e seu assistente, para esclarecer a ideia central das masters e alinhar a logística com a equipe. Nessa mesma semana foi realizado o teste de figurino de acordo com as ambientações da gravação, para as roupas corresponderem à luz da cena.

A equipe responsável pela produção e o diretor chegaram no estúdio às 13 horas, para então o restante da equipe chegar às 14:30h. Com o estúdio organizado, foi montada a luz, e o figurino foi colocado no artista, junto a maquiagem.

Cerca de duas horas depois, a luz e o cenário estavam prontos, logo foi o momento da gravação.

Foram feitas cerca de 4 masters e muitos *b-rolls*. Tudo isso rendeu cerca de 1 hora de material bruto, totalizando em 90GB.

O artista HBe já produziu outros videoclipes ao longo de sua carreira, o que colaborou para sua performance e postura em frente à câmera. Quando dava início a gravação do take, o artista encarava a câmera, gesticulava com as mãos, dançava e dublava com precisão. Assim, com a orientação da direção, de gestos e atos para realizar, além de onde e quando se posicionar, não foi necessário mais que dois takes para conseguir a primeira master. A interação com o figurino também proporcionou boas imagens para a edição.

Imagem 14 e 15: Figurinos utilizados na primeira diária



Para iluminação das cenas, foram usados dois pontos de luz: um fresnel 1000 watts para a principal, rebatido em uma tapadeira, e um outro fresnel 600 watts para a backlight. Ainda, foi usado um led piscando para fazer uma luz artística, com alusão a raios. Pelo tamanho da tapadeira não ser muito grande,  $1,83 \times 2,75\text{m}$ , o uso de lentes grande-angular não foi possível, já que objetos indesejados apareciam no quadro. Logo, o primeiro plano e o plano americano foram usados para as cenas do dia.

Imagem 16: Equipe responsável pelo videoclipe



### 6.4.2 Dia 2

A segunda diária foi gravada no Ipiranga, bairro onde o artista HBe cresceu. Logo, foi necessário utilizar a casa do Matheus Duarte, responsável pelo still e morador do bairro também, para receber a equipe e montar os equipamentos.

Com a equipe toda reunida na casa, foi a hora de ir para a rua e fazer as imagens. A primeira gravação que começamos foram os takes do Henrique, que consistia nele saindo da casa que estávamos reunidos e correndo em direção a algum lugar. Neste momento o HBe ainda não havia chegado. O diretor de fotografia fez alguns testes com equipamentos, como tripé e *slider*, mas chegou a conclusão que para o clipe seria melhor a filmagem com o *shoulder*. Neste primeiro momento ocorreu tudo como planejado, o que pensávamos que poderia ser um desafio, que era trabalhar com uma criança, não aconteceu, já que Henrique possui muita facilidade e desenvoltura para a atuação.

Já no fim da gravação das imagens de Henrique sozinho, recebemos HBe e Arthur como havia sido planejado. Para a surpresa da equipe, eles já conheciam Henrique, que já havia gravado uma de suas músicas no mesmo estúdio deles. Foi uma coincidência que contribuiu muito para o set, já que a interação entre os dois fluiu de forma natural.

Foram captadas duas masters em lugares diferentes, além de cenas *b-rolls* do bairro, com crianças, cachorros e gaiolas. Nesse momento, houve um reconhecimento grande das pessoas do bairro com a figura do artista, já que viram e acompanharam todo o seu crescimento desde a infância. Isso de certa forma, interferiu na dinâmica da filmagem, uma vez que pessoas do bairro entravam no quadro, sem saber, para ficar perto da equipe e acompanhar a gravação.

Nesta segunda diária, HBe estava ainda mais confortável com a equipe, tanto em questão profissional quanto pessoal. Conversas descontraídas e brincadeiras aproximaram o artista de toda a equipe, afinal, ele estava em “casa”.

Por se tratar de cenas externas, a equipe de fotografia estava atenta em relação a direção e força da luz do sol, por isso foi escolhido o horário de 7 horas da manhã para início das gravações. Com um atraso de 25 minutos, as gravações começaram às 7:25h. A luz desejada era do período de 7 até às 10 horas, por conta de ser uma luz mais suave e difusa, o que ocasiona menos sombras no rosto da pessoa em quadro, além de um diafragma mais aberto, criando menos profundidade de campo que era o efeito desejado.

Imagem 17: *Making off* da segunda diária

Em um momento surgiu um problema de produção já que o artista conhecia uma laje que teria uma visão melhor do bairro do que a que foi previamente escolhida pela nossa produção. Depois de algumas conversas, decidimos manter a escolhida, já que havíamos feito um estudo e ficaria esteticamente e narrativamente mais adequado para o que gostaríamos de mostrar.

Com a câmera na mão, equipados somente com o *shoulder*, a equipe foi para a primeira locação com o artista gravar as masters em cima da laje. A produção ficou encarregada de fazer a dinâmica da forma menos cansativa possível, para não os cansar. Água, música e muito bate-papo foram presentes entre o momento de preparo da câmera, da gravação, do figurino e maquiagem.

Para a cena em cima da laje, foram usados uma lente 12 mm grande-angular, um difusor para a luz direta do sol que estava em direção ao rosto do artista e o *shoulder* para estabilização da imagem. A lente mais aberta criou uma visão ampla do cenário que estava atrás do artista em quadro, enfatizando o ambiente da cena: o bairro. Dessa forma, esse plano escolhido cria uma conexão com a música, que a todo momento narra a vivência na periferia.

Imagem 18: Ajustes de câmera para a cena da laje



Com o sol muito forte e por conta do figurino todo em moletom, fomos rápido com a captação para não prejudicar a saúde e o bem estar do artista. Depois de duas masters, passamos para a próxima locação.

Por ser a última locação do projeto já estávamos muito mais familiarizados com o artista, o tempo da música, os planos, a performance em frente à câmera e o que era necessário para cada cena. Isso tornou tudo muito rápido. Com dois takes gravados, o material bruto do clipe estava pronto, totalizando 82 GB de arquivos.

Com todo o material produzido, foi o momento de alocar a equipe para o ponto de encontro inicial, a casa do Matheus, para descarregar o material, se alimentar e descansar. Nesse momento, foi conversado a respeito do produto final, valores e foi evidente a ansiedade de toda a equipe para o resultado do clipe.

## 7 FINALIZAÇÃO

A finalização para a entrega dos produtos finais foi feita com o prazo de duas semanas, e consistiam na edição e colorização do material, além da exportação para os formatos desejados. Foram realizadas pelo Bernardo Perantoni (documentário) e Gabriel Telles e Caio Deziderio (videoclipe), porém com a participação ativa de Larissa Tavares.

### 7.1 DOCUMENTÁRIO

Com as imagens capturadas para o documentário chega o momento de montar o filme que idealizamos no início do projeto. Esta parte do projeto tinha como intenção mostrar um contexto mais social por trás do *rap*, ou seja, mostrar por trás das imagens de ostentação construídas nos vídeos.

Carros, roupas de grife e correntes de ouro não fazem parte da infância do artista HBe. No documentário, usamos da entrevista em que ele conta a sua trajetória como base para o seu desenvolvimento, criando um *storytelling* para o espectador. Optamos também por usar as imagens extras como interferências da fala do personagem, trazendo outra perspectiva sobre o que está sendo conversado.

O *storytelling* constrói o discurso do artista HBe passando por temas como: infância na periferia, sua descoberta como artista, projetos sociais, *rap*, família, seu futuro artístico e o que almeja alcançar.

Durante o processo de decupagem da entrevista, vimos que o entrevistado sempre está referenciando algumas pessoas como o seu pai, sua mãe, o professor de tatuagem, Negro Bússola, Ice Blue, Racionais e Sabotage, que foram essenciais para a sua evolução. Estes pontos em sua fala se mostraram importantes para a narrativa do documentário, porque mostram a história de um menino chamado Hiago Barcelos, que precisou de grandes referências para crescer, sair da sua condição social e agora estar no caminho para se tornar uma inspiração para as novas gerações.

Na finalização da edição também foi visto que seria interessante romper com a forma linear de uma estrutura de documentário. Optamos por inverter esta ordem, criando novos sentidos, apresentando para o espectador o conceito de "ruído".

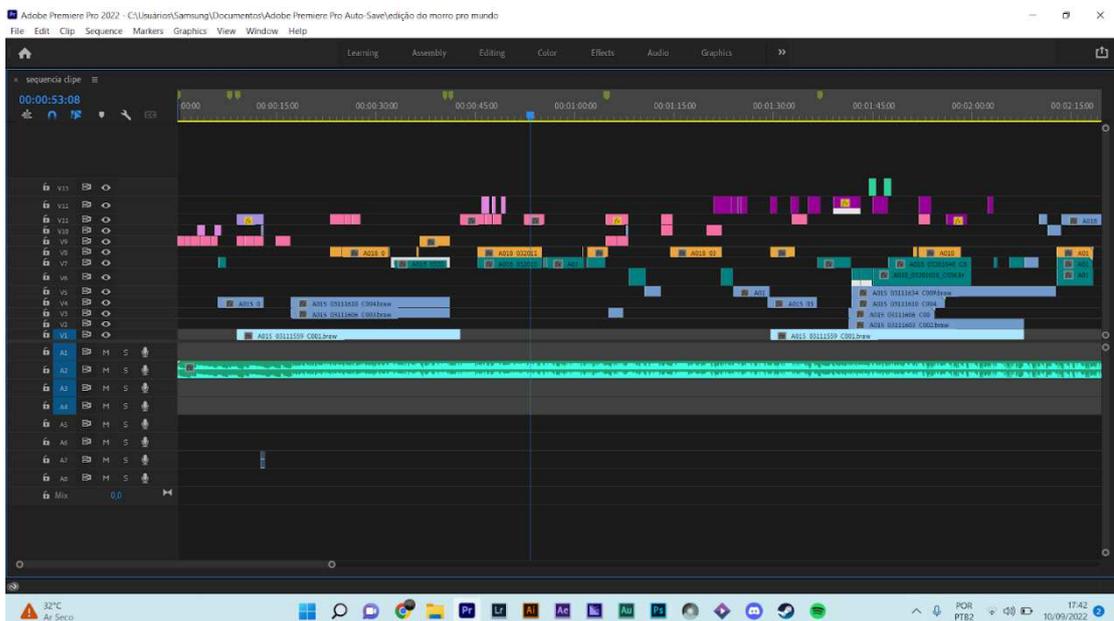
## 7.2 VIDEOCLÍPE

O projeto no Premiere Pro, para edição, foi criado com uma sequência em 4k, seguindo as configurações da captação, e por lá foi organizado em pastas todos os arquivos brutos, separados por cenas. Todo o material foi assistido duas vezes, e algumas ideias conversadas sobre possibilidades de montagem. A finalização do videoclipe se iniciou com a organização dos arquivos gravados de duas diárias, uma com 90 GB e a outra diária com 82 GB de material.

Com todos os arquivos e com o projeto organizado e conferido, foi o momento de sincronizar as masters com a música. Foram ao todo 8 masters. Assim, com os takes sincronizados é possível criar a sequência dessas imagens.

O clipe “Química”, do artista MC Cabelinho, foi a principal referência para a montagem. Poucos efeitos, transições suaves e *match cuts* foram recursos muito utilizados para o produto final, como forma de valorizar a fotografia e a performance do artista.

Imagem 19: *Timeline* de edição do videoclipe



O primeiro corte do videoclipe foi feito e enviado para a equipe dar sugestões para seguir com a versão final.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto foi de extrema gratificação para nós. Pensar que toda a vivência com a música e os ambientes de *rap* que frequentamos nos fizeram chegar até aqui é incrível. Muitos obstáculos surgiram no caminho, e graças a muito esforço, dedicação e foco, conseguimos finalizar a etapa mais importante do curso: nosso primeiro projeto experimental prático.

O projeto passou por muitas mudanças, etapas e processos até chegar à sua concepção final. O foco de estudo foi da ostentação para a ascensão social. Para toda a equipe fazia muito mais sentido, pelo momento que o artista estava inserido, pelas experiências relatadas por ele e pelos recursos que tínhamos para a realização do experimento. O documentário que, anteriormente, se baseava na ideia de entender como a ostentação afetava a periferia, se moldou e se transformou em uma documentação do processo da música e do videoclipe, uma vez que toda a equipe se envolveu completamente.

Além disso, conhecer de perto a história e toda a vivência do artista HBe, que é o reflexo de muitos outros meninos da periferia, foi uma parte crucial para o entendimento do objeto foco do projeto, tanto do gênero musical, quanto da ascensão social. Ainda, entender o contexto que a juventude periférica está inserida, em sua maioria negra, faz contextualizar com os padrões identitários encontrados nos videoclipes de *rap* e melhor compreendê-los e representá-los.

“Do morro pro mundo” é sobre condicionar o olhar para novas perspectivas audiovisuais, saber representar uma história e torná-la visual e inspiradora.

Estudar e se aprofundar em um assunto de interesse mútuo, o *rap* e o audiovisual, e transformar ambos em um produto final era o objetivo a ser alcançado. A sensação é de alívio por ter chegado até aqui, mas de sede por próximos projetos. Tornamos real aquilo que sempre idealizamos. Enfim, a importância de experimentar.

## REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Carla. **Rolezinho pelo funk ostentação: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana**. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11566>
- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009
- BOURDIEU, Pierre. **Gostos de Classe e estilos de vida**, in ORTIZ, Renato (org.). A sociologia de Pierre Bourdieu. Ed. e Livraria Olho D'água LTDA, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod\\_resource/content/1/Bourdieu\\_.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1807511/mod_resource/content/1/Bourdieu_.pdf)
- DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?format=pdf&lang=pt>.
- FERRO, M. **Cinéma et Histoire**. Paris: Gallimar, 1993
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/315596790\\_A\\_identidade\\_cultural\\_na\\_pos-modernidade](https://www.researchgate.net/publication/315596790_A_identidade_cultural_na_pos-modernidade)
- HERSCHMANN, Micael. **As imagens das galeras funk na imprensa**. In: MASSADER PEREIRA, C.A.; RONDELI, E.; SCHOLHAMMER, E.; HERSCHMANN, M. (Org.). Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001. Disponível em: [https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner\\_a-cultura-da-mc3addia\\_2001.pdf](https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf)
- L7NNON. **Mato no peito**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil: 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZzdW7dt26Tk>
- LIMA, Luísa. **Soul do hip hop: a chegada do rap no brasil**. Revista Convergência Crítica, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/47137>
- LOPES, Adriana C. **Funk-se Quem Quiser: No Batidão Negro Da Cidade Carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 1º Edição, 2011. Disponível em: [https://www.academia.edu/36111469/Funk\\_se\\_quem\\_quiser\\_no\\_batida\\_o\\_negro\\_da\\_cidade\\_carioca\\_pdf](https://www.academia.edu/36111469/Funk_se_quem_quiser_no_batida_o_negro_da_cidade_carioca_pdf)
- MCCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21572>

MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MIGLIORIN, Cezar. **Ensaio do real: o documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010, pp. 9-25. Disponível em: <https://fdocuments.in/document/ensaios-no-real-migliorinpdf.html>. Acesso em 16 mar 2022.

ORTIZ, Renato. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Ed. e Livraria Olho D'água LTDA, 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001954/mod\\_resource/content/0/Renato%20Ortiz%20%28org.%29.-A%20sociologia%20de%20Pierre%20Bourdieu.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3001954/mod_resource/content/0/Renato%20Ortiz%20%28org.%29.-A%20sociologia%20de%20Pierre%20Bourdieu.pdf)

PINTO, Mércia. **rap: gênero popular da pós-modernidade. O público e o privado**, Ceará, 2003. Disponível em: Acesso em: 29 agosto 2016.

RIGHI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia: construção identitária do negro no imaginário do RAP brasileiro**. 2011. 515 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília/Université Européenne de Bretagne, Brasília/Rennes, 2011.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop: a periferia grita**. 1.ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Carla B. S. **A influência do funk na formação identitária de adolescentes**. Artigo publicado no Conedu: VII Congresso Nacional de Educação, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67740>

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Ltda, 2009. Disponível em: <https://livrosdeamor.com.br/documents/simmel-georg-2008-filosofia-da-moda-e-outros-escritos-lisboa-edioes-texto-amp-grafia-5cbd3c5f3d4e5>

VICENTE, E. **Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90**. ECA/USP: Tese de doutorado, 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001249819>

VILLAÇA, Nizia. **A Periferia POP na Idade Mídia**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. 174 p.

## ANEXO 1 – MÚSICA CRIADA PELO ARTISTA HBE PARA O PROJETO

### **HBe – DO MORRO PRO MUNDO**

#### *Intro*

Ando certo sem medo de nada  
Com a minha disposição firme e forte  
E espada pra enfrentar qualquer batalha  
Pergunta meu nome na quebrada  
HBe nunca que deu mancada  
Tô firmão com a minha tropa  
Girando essas notas  
Deixou forte a rapaziada

Tô fazendo pra elevar meu povo  
Fazendo mais que as correntes de ouro  
Trabalhando pra sair do sufoco  
Vai me dizer  
Quem não quer um rolêzin de XJ na favela  
Por isso nego o trampo é em dobro  
Todos meus manos saíram do esgoto  
Nóis permanece no corre  
Sempre com humildade e muita fé

Mas o preto é a cara do problema yeah  
Nois da pane no sistema  
Pode estampar minha cara no datena  
Sei que seu olho sempre me condena yeah  
Peço ao meu Deus que me livre da pena  
Porque eles querem me colocar algemas  
Sei que o HBe tá roubando a cena

Sei que eu tenho muita história pra contar  
O mundo é muito diferente  
Da ponte pra cá  
Aqui tem vários menorzin  
Com pouca idade  
Muita maldade  
Deixa abaixar  
Observando as luzes da cidade  
Sempre trabalhando a mente milionária  
Nego Aqui nós faz bem mais que o necessário

Você sabe ah ah  
Você sabe  
Nego eu vou ter que repetir quantas vezes?  
Você sabe  
Nego eu vou ter que repetir quantas vezes?  
Cê já sabe  
Sabe mano que eu plantei pra colher  
São vários anos estudando essa wave  
Oh ye

Ando certo sem medo de nada  
Com a minha disposição firme e forte  
E espada pra enfrentar qualquer batalha  
Pergunta meu nome na quebrada  
HBe nunca que deu mancada  
Tô firmão com a minha tropa  
Girando essas notas  
Deixou forte a rapaziada

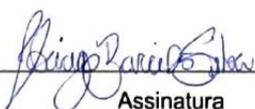
ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ – HBE

**AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ**

Pelo presente instrumento particular, o (a) abaixo qualificado (a) **autoriza a DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM RTVI II, DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**, inscrita no CNPJ sob o nº 21.195.755/0001-69, com sede na Rua José Lourenço Kelmer, s/n - São Pedro, Juiz de Fora - MG, sem qualquer ônus e em caráter definitivo, a utilizarem de minha imagem e som de voz na(s) obra(s) audiovisual(is) do projeto "DO MORRO PRO MUNDO", e nas obras deles derivadas. Também estou ciente de que a(s) obra(s) audiovisual(is) do projeto "DO MORRO PRO MUNDO", poderão ser exibidos em outros concursos, festivais, premiações, utilizados em portfólios e disponibilizados na internet.

Declaro nada mais ter a reclamar, seja a que título for, nesta ou em outra oportunidade, sobre quaisquer direitos pelo uso do material filmado, podendo o mesmo ser alterado na montagem, som ou acabamento técnico, ou em sua utilização em qualquer mídia.

Juiz de Fora, 19 de agosto de 2022.

  
Assinatura

Nome completo:	HIAGO BARCELOS SILVA		
RG:	MG - 55.757.937	CPF:	122.483.886-67
Endereço:	AV. OLEGÁRIO MACIEL 5800/305		
Bairro:	POINTEIRAS	Cidade:	JUIZ DE FORA
Estado:	MG	CEP:	
Telefone:		E-mail:	

ANEXO 3 – AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ – HENRIQUE

**AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ**

Pelo presente instrumento particular, eu,  
Wesley Costa Marques (nome completo),  
Brasileiro (nacionalidade), solteiro (estado civil),  
portador(a) do RG n.º 36.555.536, inscrito(a) no CPF sob o  
n.º 104.953.986.35, residente no endereço  
rua Moaumbi n.º 270, bairro  
Moaumbi, na cidade de Juiz de Fora, estado  
Minas Gerais, responsável legal pelo menor  
Henrique Gabriel Soares Costa, nascido (a) em  
05/02/2009, portador(a) do RG n.º 22.084.249, inscrito(a)  
no CPF sob o n.º \_\_\_\_\_, **autorizo a DISCIPLINA DE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM RTVI II, DA FACULDADE DE**  
**COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**, inscrita no  
CNPJ sob o nº 21.195.755/0001-69, com sede na Rua José Lourenço Kelmer, s/n -  
São Pedro, Juiz de Fora - MG, sem qualquer ônus e em caráter definitivo, a  
utilizarem a imagem e som de voz do menor supracitado na(s) obra(s)  
audiovisual(is) do projeto "DO MORRO PRO MUNDO", e nas obras deles derivadas.  
Também estou ciente de que a(s) obra(s) audiovisual(is) do projeto "DO MORRO  
PRO MUNDO", poderão ser exibidos em outros concursos, festivais, premiações,  
utilizados em portfólios e disponibilizados na internet.

Declaro nada mais ter a reclamar, seja a que título for, nesta ou em outra  
oportunidade, sobre quaisquer direitos pelo uso do material filmado, podendo o  
mesmo ser alterado na montagem, som ou acabamento técnico, ou em sua  
utilização em qualquer mídia.

Juiz de Fora, 24 de agosto de 2022.

  
Assinatura